

# 50 ANOS DA CONSTRUÇÃO

A história de um grupo de boêmios, embalados por fartas doses de uísque, que há 50 anos decidiu construir um palácio de tábuas no meio do sertão goiano. E menos de um mês depois, transformaram o lugar na morada do presidente da República

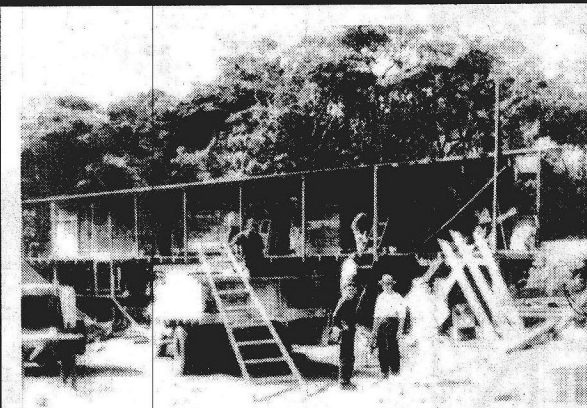
## COM QUANTOS ATOS SE FAZ UM

# CATETINHO

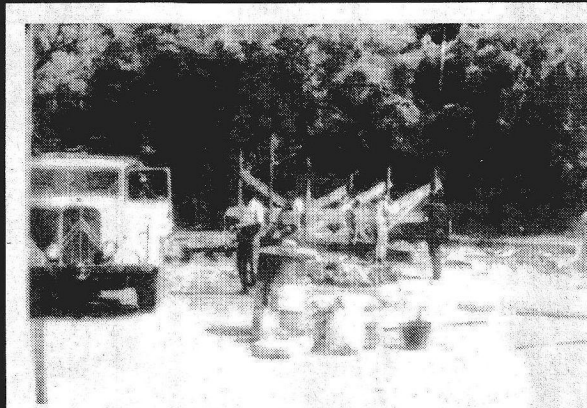
Fotos: Arquivo/Arquivo Público do DF



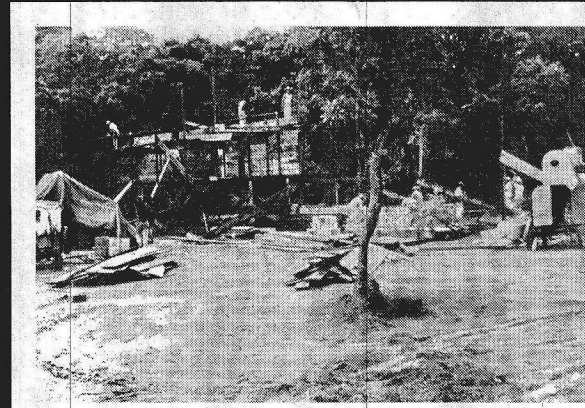
**PRIMEIRA SEMANA DE OUTUBRO DE 1956**  
TERRENO QUE ABRIGARIA O CATETINHO COMEÇA A SER CAPINADO



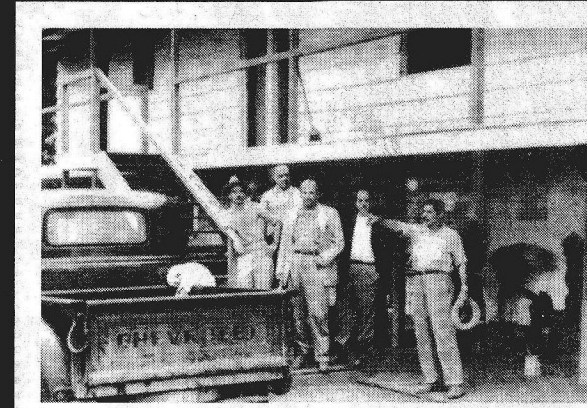
**TRAÇO DE ARQUITETO**  
OSCAR NIEMEYER RISCOU O PROJETO DO PALÁCIO DE TÁBUAS



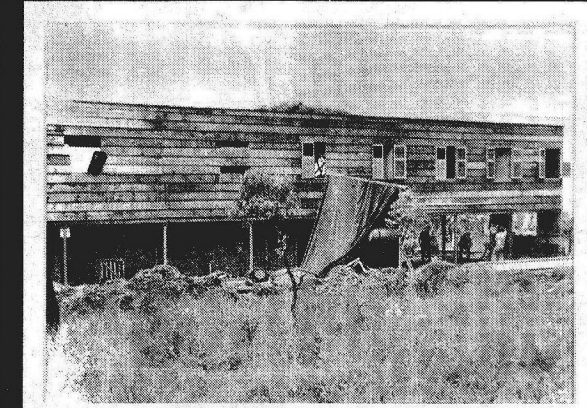
**CABO DE MACHADO**  
TODOS OS AMIGOS PEGARAM NO PESADO



**NO MEIO DO MATO**  
O PRESIDENTE ADORAVA A MÚSICA DO 'ERRADO'



**INAUGURAÇÃO COM SERESTA E CHUVA**  
CESAR PRATES CANTOU E DILERMANDO TOCOU PEIXE VIVO



**10 DE NOVEMBRO DE 1956**  
JK VISITOU PELA PRIMEIRA VEZ SUA CASA

CONCEIÇÃO FREITAS  
DA EQUIPE DO CORREIO

Que Brasil era aquele que construiu um palácio de tábuas em 16 dias num ermo vazio de máquinas e de homens? Uma resposta única, severa e irretocável não existe, mas o país que brotava do cerrado até então desconhecido e desprezado dava um recado ao país urbano, conhecido e distante. O relato do ocorrido entre o dia 16 de outubro a 10 de novembro do ano de 1956 ao lado da Fazenda do Gama é o recado histórico do país dos anos 50 ao Brasil de agora.

Diz a lenda que a construção do Catetinho foi uma surpresa para Juscelino. Não é verdade. Segundo depoimento do engenheiro José Ferreira de Castro Chaves, o Juca Chaves, reafirmado por seu filho, o arquiteto Luiz Otávio Chaves, o presidente manifestou seu desejo de ter um lugar onde pernoitar em suas primeiras visitas ao sítio onde Brasília começaria a ser construída. Na volta da primeira viagem ao Distrito Federal, em 2 de outubro de 1956, Juscelino revelou a preocupação ao piloto João Milton Prates e ao arquiteto Oscar Niemeyer. Em *Por que construí Brasília*, JK diz que foi Prates quem teve a ideia.

Poucos dias depois, Prates e Niemeyer procuraram Juca Chaves, dono de uma empresa de engenharia no Rio

de Janeiro, amigo de JK, para que tentassem atender à vontade do presidente. Naquela noite, possivelmente da primeira semana de outubro de 1956, o piloto, o arquiteto, o engenheiro, mais o seresteiro César Prates e o violonista Dilermando Reis decidiram construir uma casa para Juscelino em território brasileiro. Há que se esclarecer que a decisão foi tomada sob efeito de sucessivas doses de uísque na mesa do mezanino do Juca's Bar, onde a turma de Juca Chaves se reunia noite sim e outra também.

### Um engenheiro, um arquiteto e muita boemia

Parênteses: O Juca's Bar assim chamava-se, há de se concluir, em homenagem ao próprio Juca — um boêmio tanto quanto seus amigos Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto, Fernando Sabino, Antônio Maria. O bar havia sido criado por força de um acordo de cavalheiros entre o proprietário do hotel Ambassador, onde o Juca's se alojava e o engenheiro homônimo. Fazia tempo, Juca Chaves imaginava um bar de uísque honesto (à época, as importações eram raras e a falsificação, muito comum). "Só construo se você deixar que eu faça um bar. Estamos cansados de barzinhos de fundo de mercearia aqui no Rio...", propôs o engenheiro ao empresário Márcio Melo Franco, que queria construir o Ambassador. Negócio fechado, bar aberto. Quem conta tudo isso é Jarbas Marques, diretor do Patrimônio Artístico e Cultural do DF, que em 1981, entrevistou Juca Chaves a

respeito. O engenheiro morreu em 1989. Fecham-se os parênteses.

Na dita noite de começo de outubro, os amigos-boêmios de Juscelino decidiram construir uma casa no cerrado. Juca Chaves tinha a tecnologia. "Se for um barraco de obras, eu faço", disse o engenheiro, com a experiência de quem já tinha construído um arranha-céu de 12 andares, na década de 1940, em Belo Horizonte e estradas ligando cidades mineiras. "Já era um pioneiro", diz o filho. Logo, Oscar Niemeyer apareceu com o risco de um projeto.

Pronto. Um engenheiro e um arquiteto, só faltava o dinheiro. A saída foi tipicamente brasileira: as relações pessoais misturadas às questões de Estado. O irmão de César Prates, Carlos Prates era gerente do Banco do Brasil em Belo Horizonte, bem poderia liberar um empréstimo de 500 contos de réis. Procurado, o bancário argumentou que ele mesmo não poderia conceder a quantia, mas conseguiu a soma no Banco do Estado de Minas Gerais. João Milton Prates assinou a promissória e Juca Chaves e Oscar Niemeyer a avalizaram. Tudo isso de um dia para o outro.

**Uma casa em 15 dias**  
**Uma capital em quatro anos**  
Com o dinheiro na mão, os amigos de Juscelino enviaram-lhe um convite: dia 1º de novembro ele dormiria sob teto seguro no lugar onde a nova capi-

tal começava a ser construída. Era 17 de outubro. Tinham 15 dias para construir a casa. O engenheiro Roberto Pena teve a ideia de economizar metade da distância entre Rio e Brasília. A sede da Fertisa, fábrica de adubos químicos que Juscelino havia criado, ficava em Araxá (MG). Lá era possível conseguir máquinas e veículo para trazer à ainda inexistente Brasília. No dia seguinte, 18, Pena saiu de Araxá com uma Patrol Caterpillar, um trator, motor-gerador de 75 HP, um caminhão, um jipe, um cozinheiro, dois rádio-amadores, um operador de máquinas e um caçador.

Três dias, quase 600 quilômetros e muitos atoleiros depois (era época de chuva, como agora) chegavam a Luziânia. O engenheiro Juca Chaves saiu do Rio de avião. Trazia um mestre-de-obras, um mestre-bombeiro e o chefe de manutenção de sua empresa de engenharia. Aterrissaram em Luziânia, numa pista tosca que havia sido construída em 1935. A César Prates coube conseguir com o marechal Henrique Lott, o poderosíssimo ministro da Guerra do governo JK, barracas e material de campanha do Exército para abrigar os primeiros pioneiros da aventura modernista.

Escolheu-se um terreno bem próximo de uma nascente que havia encantado Juscelino na visita de 2 de outubro. Área ocupada por uma densa mata de árvores de grande envergadura, vegetação típica das áreas

muito úmidas, como aquela. "Então a gente começou a lavrar a madeira. Não tinha engenheiro, bombeiro, eletricitista, mestre-de-obras, nada. Todos nós pegamos no cabo do machado e fomos tirar madeira onde hoje é a mata do Catetinho", contou Sebastião Calazans, o mestre-de-obras, ao *Correio*, edição de 21 de abril de 1981.

As tábuas foram tiradas da mata: os pilotos, idem, o alicerce feito de pedras dos arredores, a serra que dava forma às vigas e aos cabros movia-se com a energia de um jipe. A estação de rádio-amador foi instalada na sede da Fazenda do Gama e a luz elétrica do acampamento saía de um gerador de dois e meio HP. Foi aí que certo dia, Juscelino recebeu uma mensagem: "Alô, alô, presidente, aqui Brasília, câmbio". Tudo sob a chuva incansável.

Homens e máquinas, porém, tiveram que enfrentar os nativos da região: onças, lobos-guarás, perdizes, emas, cobras. Certa noite, um dos operários foi agraciado com a visita de uma onça. Conta-se que ela tentou rasgar a lona da barraca. Antes que ela conseguisse avançar sobre o intruso, Sebastião Calazans acordou e deu tiros para o alto. Ao saber do acontecido, Juscelino deu ao mestre-de-obras o apelido de Tião da

Onça. Para entrar na mata, os operários armavam-se de tochas de fogo. Assim, espantavam os lobos-guarás.

Quando o palácio de tábuas estava quase pronto — seis quartos, uma sala de despachos, uma cozinha, uma lavanderia, uma varanda de ponta a ponta e um bar — Dilermando Reis sugeriu que lhe dessem o nome de Catetinho, por conta do Palácio do Catete, a sede da Presidência da República no Rio de Janeiro. O mesmo Dilermando, o seresteiro amigo do presidente, compôs a valsa *Exaltação a Brasília*, com letra de Bastos Tigre.

### Inauguração com tempestade, seresta e banho quente

A 6 de novembro, não mais que um mês depois da conversa no Juca's Bar, o Catetinho estava pronto. No dia 10, Juscelino voltou a Brasília. Chegou na hora do almoço, comeu frango ao molho pardo e, convidado por César Prates,

a pôr as mãos sob uma torneira e se surpreendeu que dela saísse água quente. O presidente não gostava de banho frio. Os operários de Juca Chaves haviam-se utilizado de um mecanismo muito comum no interior do país. Uma serpentina aquecida no fogão a lenha levava água quente dos cinco tanques de 200 litros pendurados numa árvore próxima a todas as torneiras e chuveiros da casa. O palácio estava mobiliado, havia louça, roupa de cama, mesa e banho, tudo providenciado pelas mulheres dos amigos de JK.

Choveu muito no dia da inauguração do Catetinho. À noite, teve seresta. César Prates cantou e Dilermando Reis tocou o

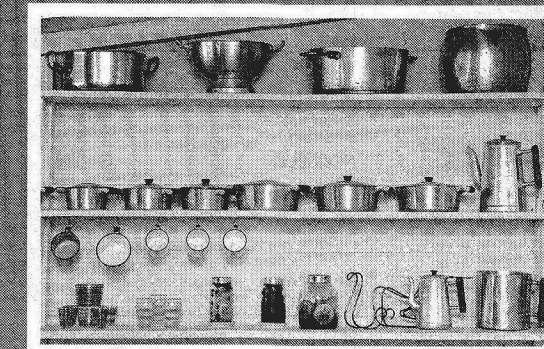
*Peixe Vivo* para o presidente. Em janeiro de 1957, foi construído o Catetinho 2, uma versão maior, mais bem-acabada e mais confortável do Catetinho. Que em 1959 foi vendido ao empreiteiro Sebastião Camargo Correa e hoje se desfaz numa chácara nos arredores do Plano Piloto. No mesmo ano, o Catetinho 1 virou patrimônio histórico.

"Foi ele a flama inspiradora que me ajudou a levar à frente, arrastando o pessimismo, a descrença

e a oposição de milhões de pessoas, a ideia da transferência do governo", escreveu Juscelino algum tempo depois. Parece um prédio, mas foi uma inspiração.

## AS JÓIAS DO MUSEU

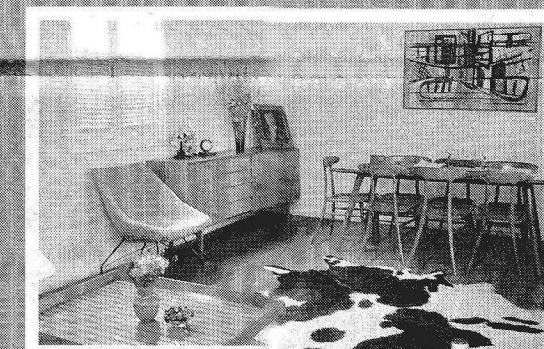
PIJAMA PRESIDENCIAL ERA ASSIM QUE JUSCELINO DORMIA NO CATETINHO



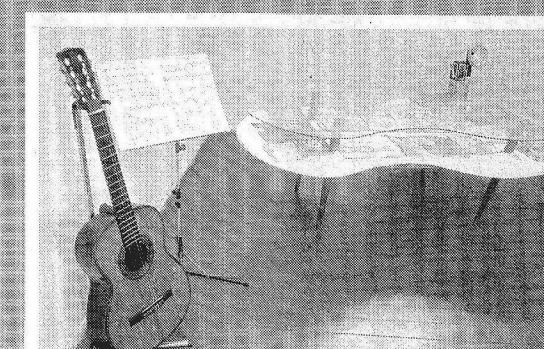
**PANELEIRO**  
CANECAS E PANEIS QUE SERVIAM AO PRESIDENTE



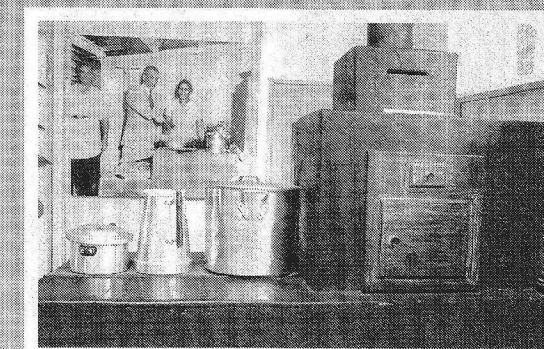
**QUARTO DO AMIGO**  
BOLSA DA PANAIR E ROUPA DE GALA DE ERNESTO SILVA



**PÉ PALITO NO ESCRITÓRIO**  
MOBILIÁRIO COM DESIGN TÍPICO DOS ANOS 50



**SERESTA**  
VIOLOÃO DE DILERMANDO REIS E PARTITURA DE EXALTAÇÃO A BRASÍLIA



**COZINHA**  
FOGÃO A LENHA PARA PREPARAR OS QUITUTES PREFERIDOS DE JK



**PALADAR DE MINEIRO**  
LEITE MOÇA E CREME DE LEITE PARA ADOÇAR A BOCA PRESIDENCIAL